



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UnB PLANALTINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO RURAL
(PPG-MADER)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

JÚLIA JENIOR LOTUFO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DA OFICINA “PRÁTICAS ARTÍSTICAS COLETIVAS
ENTRE MULHERES: CRIANDO PERTENCIMENTOS”**

BRASÍLIA - DF

2023

JÚLIA JENIOR LOTUFO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA DA OFICINA “PRÁTICAS ARTÍSTICAS COLETIVAS
ENTRE MULHERES: CRIANDO PERTENCIMENTOS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo.

Professor orientador: Felipe Canova Gonçalves
Professora coorientadora: Edinéia Alves Cruz

BRASÍLIA - DF

2023

RESUMO

O presente texto integra meu processo de conclusão do curso da Especialização em Educação do Campo, pesquisa que se insere no eixo temático “Identidade Territorial – Inventário, escola e comunidade, movimentos social/sindical”. Em um primeiro momento pretendemos localizar de que perspectiva e contexto falamos, trazendo também as transformações sociais que norteiam o trabalho, as bases da Educação do Campo e as perspectivas educacionais e artísticas que buscamos. A partir de então, nos voltamos mais especificamente para a proposta de oficina “Práticas artísticas coletivas entre mulheres: Criando pertencimentos” realizada na Escola Parque da Natureza de Brazlândia, com docentes e funcionárias da instituição, refletindo sobre as possíveis contribuições do repertório das Artes da Cena na Educação do Campo.

Palavras-chave: Educação do Campo. Pertencimento. Artes da Cena. Protagonismo feminino.

ABSTRACT

This text is part of my process of completing the Specialization in Rural Education course, research that falls within the thematic axis “Territorial Identity – Inventory, school and community, social/union movements”. At first, we pretend to locate the perspective and context we are talking about, also bringing the social transformations that guide the work, the bases of Rural Education and the educational and artistic perspectives that we seek. From then on, we turned more specifically to the workshop proposal “Collective artistic practices among women: Creating belongings” held at Escola Parque da Natureza in Brazlândia, with professors and employees of the institution, reflecting on the possible contributions of the repertoire of Performing Arts in Rural Education.

KEYWORDS: Rural Education. Belonging. Performing Arts. Female Protagonism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Teatro Imagem 1.....	19
Figura 2 – Teatro Imagem 2.....	19
Figura 3 – Teatro Imagem 3.....	20
Figura 4 – Teatro Imagem 4.....	20
Figura 5 – Declaração de Identidade 1.....	21
Figura 6 – Declaração de Identidade 2.....	22
Figura 7 – Declaração de Identidade 3.....	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 EM QUE CENÁRIOS NOSSAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS SE INSEREM? QUE PERTENCIMENTOS QUEREMOS CRIAR?.....	9
3 EDUCAÇÃO DO CAMPO E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS.....	11
4 OFICINA “PRÁTICAS ARTÍSTICAS ENTRE MULHERES: CRIANDO PERTENCIMENTOS”.....	15
5 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Início esse Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Educação do Campo, incluído no Eixo 1: Identidade Territorial – Inventário, escola e comunidade, movimentos social/sindical, voltando no ano de 2020. Sou natural de Goiás, da cidade de Goiânia, mas nesse ano morava em Brasília em função do meu vínculo com a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Foi nesse período que pude ingressar na formação do Programa Escola da Terra, e iniciar minha atuação em uma Escola do Campo. Foi também naquele ano que participei do I Encontro Nacional das Mulheres Sem Terra sediado em Brasília – DF, que reuniu milhares de mulheres dos mais diversos territórios brasileiros, tendo como mote o lema “Mulheres em Luta: Semeando Resistência”.

O encontro, que integrou a Jornada Nacional de Luta das Mulheres Sem Terra, foi de uma beleza, importância e grandiosidade que me impactaram profundamente. A identidade das mulheres do campo, a luta por um feminismo camponês e popular, a cultura e a luta social como matrizes formativas essenciais, a conscientização da importância da mulher para a construção de uma Reforma Agrária Popular e de uma sociedade mais justa, marcaram fortemente aquele encontro. Nas vozes daquelas próprias mulheres era um momento de celebração, mas também um importante momento de denúncia e enfrentamento a todo tipo de violência, opressão e exploração. Essas mulheres me inspiram e estão presentes neste texto a partir do que ecoaram em mim e do que me ensinaram durante aqueles dias.

O filme “Mulheres em Luta: Semeando Resistência¹” realizado sobre o encontro pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, reunindo o Setor de Gênero, o Setor de Comunicação e a Brigada Eduardo Coutinho, retoma alguns dos momentos marcantes que ocorreram. Nele é possível sentir a força das místicas, das danças, das músicas, das falas, das palavras de ordem, das diversas formas de expressão, práticas culturais e artísticas que permearam o encontro.

Na escolha do objeto de pesquisa a ser investigado nesse processo de Trabalho de Conclusão de Curso, optei por investigar práticas artísticas que abarcassem o universo feminino no contexto da Educação do Campo. A partir desse desejo, surgiu a oportunidade de

¹ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=h9_HHlVki4g >. Acesso em: 08 mar. 2023.

experimentar uma prática em parceria com a Escola Parque da Natureza de Brazlândia, momento em que realizamos a oficina com professoras e servidoras da escola com o tema: “Práticas artísticas coletivas entre mulheres: criando pertencimentos”. O encontro aconteceu durante uma manhã de Coordenação Pedagógica Coletiva e possibilitou uma aproximação, mesmo que pontual, do chão da escola. Foi possível ouvir e estar um pouco mais próxima de mulheres que também me mostraram na prática a importância da coletividade, do acolhimento, do afeto e da construção de pertencimento no universo escolar.

Para a criação da proposta idealizada nos perguntamos como práticas artísticas coletivas entre mulheres podem contribuir para a criação de pertencimentos, e ainda, que procedimentos, propostas metodológicas, abordagens e compreensões conceituais já existentes, criados ou reformulados a partir dos contextos vivenciados, podem auxiliar e alimentar nosso processo de enraizamento no universo da Educação do Campo e nos territórios em que atuamos enquanto educadoras. Buscando construir um espaço de sororidade, de afeto, de acolhimento, de diálogo, em que a criação artística seja abordada de forma prazerosa e lúdica, facilitando as pessoas envolvidas a se sentirem à vontade para compartilhar suas experiências e vivências pessoais com as diferentes integrantes do processo.

Abordaremos aqui, antes de adentrar um pouco mais na oficina, alguns aspectos referentes ao contexto atual em que vivemos, às perspectivas de transformação social que norteiam esse trabalho, às bases da Educação do Campo e às perspectivas educacionais que buscamos.

2 EM QUE CENÁRIOS NOSSAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS SE INSEREM? QUE PERTENCIMENTOS QUEREMOS CRIAR?

Nos vemos atualmente diante de grandes desafios sociais e ambientais que marcam o que tem sido considerado como uma nova era geológica, cunhada por Paul Crutzen & Eugene Stoermer (MENDES, 2000) como Antropoceno. Essa era é marcada pelo enorme impacto do ser humano na Terra, que tem como resultado graves mudanças climáticas, alto índice de desmatamento, perda de biodiversidade, superação da massa antropogênica em relação à biomassa na Terra, aumento da exploração de recursos naturais, cenário que precisa ser repensado se quisermos manter a vida na Terra. No contexto social de modo geral e, conseqüentemente, nas nossas escolas, ainda se somam a estes os desafios referentes ao racismo, às desigualdades sociais, à colonialidade, ao preconceito e às violências de gênero e demais formas de opressão que constituem o sistema vigente.

Podemos reconhecer os conflitos agrários que marcam a formação do país, e perduram até os dias de hoje, na concentração de grandes propriedades de terra em poucas mãos, na existência de inúmeros latifúndios improdutivos, no poder e influência política do agronegócio no cenário nacional, na recorrência da mineração e do garimpo ilegais, na invasão de territórios indígenas e quilombolas, entre outros sintomas que são parte da realidade brasileira.

As propostas de alternativas sustentáveis de desenvolvimento, de modos de viver que não sejam baseadas na monocultura, mas na potência dos mutirões, das culturas da diversidade, regenerativas, orgânicas, agroecológicas, que apontam para a relação de respeito com a terra e a conscientização da nossa existência em rede e da interdependência entre os diferentes seres, apontam importantes valores e caminhos para repensarmos nossos processos educacionais e nossa vida em sociedade.

A mudança da lógica vigente e a busca pela construção de outros modos de existência e de se relacionar com a terra implica na valorização de práticas ecológicas de indígenas, camponeses e quilombolas, na prática de uma ecologia decolonial, que leve em consideração a indissociabilidade entre as lutas ecológicas e antirracistas, que enxergue a importância de valorizar tanto a preservação dos ecossistemas como os direitos de quem habita esses territórios. Aprender com as cosmogonias e cosmologias que integram natureza e cultura, valorizar as retomadas, retornos e recriações de modos de se relacionar com os territórios, culturas e com a terra baseados no cuidado, nos permite novos modos de aterramento (LATOURET, 2020). A criação de comunidades e coletividades, que permitem a construção de relações de

pertencimento, de enraizamentos e de vínculos saudáveis, são importantes formas de vencer a morte e driblar a exaustão a que a Terra vem sendo submetida.

Nesta perspectiva, a preservação e regeneração da biodiversidade, a criação e o resgate de outros modos de existência, não baseados no consumo excessivo e exploração do meio ambiente, que seguem lógicas diferentes das da acumulação e exploração, fazem mudanças de paradigmas. Sugerem a transformação de uma sociedade orientada pelas coisas, para uma sociedade orientada para as pessoas, que prioriza as redes de cuidado, os vínculos afetivos e o bem-estar individual e coletivo.

Compreendemos as práticas coletivas como formas de abraçar as individualidades, fortalecer a capacidade de fazer junto, tendo o autocuidado como uma prática política que permite que estejamos fortes para a construção comunitária do bem comum. Tendo em vista que nosso corpo é nosso primeiro território que deve ser cuidado, protegido, preservado e respeitado assim como a natureza e a terra. Aqui enxergamos a importância de uma política que tenha corpo, povoada pelo cotidiano, pela realidade, pelo respeito às reais e diferentes necessidades das diversas pessoas, comunidades e territórios.

3 EDUCAÇÃO DO CAMPO E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS

No Brasil a Educação do Campo é um movimento nacional, fortalecido na década de 90, que surge com o protagonismo dos Movimentos Sociais Camponeses, construído pelos sujeitos coletivos do campo, na luta pelo fortalecimento do território camponês e por outro projeto de campo e de sociedade, indo contra os processos de exclusão social que marcam o campo, em defesa de outra escola e de outra educação. Essa construção representa uma grande mudança na compreensão da finalidade e da função social da escola, por apontar para uma educação pautada na potência de transformação e resistência, e não de reprodução e conservação das desigualdades e das ideias da classe hegemônica.

A Educação do Campo existe em função dos sujeitos que a integram, que definem suas especificidades, são agricultores/as familiares, assentados/as, ribeirinhos, caiçaras, extrativistas, pescadores, indígenas, comunidades quilombolas, e demais trabalhadores do campo. O pertencimento territorial, cultural e identitário é parte fundamental de sua concepção.

Entre suas matrizes políticas, pedagógicas e metodológicas podemos incluir a Pedagogia do Oprimido, a Educação Popular, as lutas sociais da classe trabalhadora do campo, a pedagogia histórico-crítica, a Pedagogia Socialista, a Pedagogia do Movimento, a Pedagogia da Alternância e a Agroecologia. Tais compreensões nos desafiam a integrar a educação com a vida, a construir novas relações interpessoais, se tornando um espaço de socialização e construção de conhecimento juntamente à comunidade.

Neste contexto, pensar a Educação do Campo inclui revermos como estamos nos relacionando com a natureza, como produzimos e consumimos em sociedade, quais são nossas relações de trabalho, e como podemos aproximar as teorias pedagógicas das práticas desenvolvidas nas escolas. A proposição de um currículo contextualizado e integrado, que dialogue com os saberes e fazeres dos sujeitos do campo, visa aumentar o pertencimento e a vinculação social da escola com a comunidade, de forma que os sujeitos sociais do campo sejam coautores das propostas pedagógicas de suas escolas. Uma educação que seja dos sujeitos camponeses, em que se construa conhecimento coletivamente, que se garanta o direito de estudar onde se vive, uma educação contextualizada na realidade, cultura, vida e trabalho dos sujeitos e de seu território.

Ainda encontramos um cenário bastante diferente do ideal, e a situação muitas vezes da educação em áreas rurais no Brasil ainda é muito marcada por ausências, precariedade, propostas pedagógicas urbanocêntricas, que não contemplam a realidade do campo. Na

perspectiva da Educação do Campo procura-se entender o território onde está localizada a escola, as particularidades de cada realidade e as questões mais gerais que englobam o campo no território brasileiro.

É preciso repensar a escola e a educação em nossa sociedade, nos questionando sobre qual escola temos e qual escola precisamos e queremos, a quem as escolas que temos têm servido, qual a função das escolas nas comunidades rurais, qual o tipo de conhecimento elas produzem, a serviço de quem e a favor de quem. Olhando de perto enxergamos a disputa presente de projetos de sociedade e conflito de interesses. A Educação do Campo se apresenta como um movimento político, pedagógico e epistemológico que busca “(...) fortalecer as lutas individuais e coletivas dos sujeitos, numa concepção de homem e mulher como sujeitos históricos transformadores, que se formam nas relações com os outros e com o mundo.” (SILVA, [s.d.], p.17)

Assim, perguntas como: “O que é o campo?”, “Sobre que campo estamos falando?”, “Quem são os sujeitos que vivem e trabalham no campo?”, são essenciais para que a escola consiga se integrar à comunidade, e desfazer a estigmatização e a inferiorização dos sujeitos do campo no Brasil. Trata-se de superar o modelo de desenvolvimento implementado que parte de uma compreensão urbanocêntrica, colocando o campo como lugar do atraso, da ignorância, em processo de extinção na sociedade brasileira.

No entendimento da Educação do Campo o conhecimento é valorizado como forma de compreensão da realidade e ferramenta para sua transformação. Para efetivação desse objetivo, é necessário reorganizar conteúdos e métodos, repensar o ambiente educativo, tornando-o um encontro de culturas, de diálogo, de produção individual e coletiva de significados. Os processos produtivos da vida social camponesa, sua relação com a terra, as águas, a floresta, precisam ser levados em consideração, para que os sujeitos possam ressignificar suas experiências, refletir sobre sua realidade, e intervir nela de maneira responsável, crítica e comprometida, e ampliar sua capacidade comunicativa.

Nesta perspectiva, precisamos pensar em uma escola aberta à comunidade que revê a organização do trabalho escolar, do tempo e do espaço, repensando sua relação com o conhecimento e com a realidade, revendo currículos, e a produção, sistematização e socialização dos conhecimentos compartilhados. Aqui a afirmação da construção coletiva do conhecimento, a pesquisa como princípio educativo, o diálogo entre os saberes populares e científicos são princípios norteadores para as Escolas do Campo, um campo repleto de uma grande diversidade de “(...) agroecossistemas, etnias, culturas, relações sociais, padrões

tecnológicos, formas de organização social e política, e da necessidade de fortalecer uma ruralidade pautada pela agricultura familiar/camponesa”. (SILVA, [s.d.], p.18)

Para se opor aos estereótipos reproduzidos sobre os camponeses no imaginário brasileiro é necessária a criação de narrativas sobre o universo rural/camponês feita pelos próprios habitantes desses territórios, trazendo suas experiências acumuladas, levando em conta os que vieram antes de nós e os que estão por vir, valorizando os pensamentos, saberes e conhecimentos que brotam das vivências e os conhecimentos passados pela oralidade através das diferentes gerações.

Ressaltamos ainda um aspecto muito importante, referente à necessidade de revermos nossos currículos e conteúdos ensinados e aprendidos ao longo das nossas trajetórias, para não cairmos no risco de reproduzir as parciais denunciadas, por exemplo, por Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro “O perigo de uma história única” (2019). Sendo essa uma práxis necessária enquanto prática que reflete e age sobre o mundo no intuito de sua transformação, promovendo a conscientização e o engajamento crítico que visam desconstruir uma educação hegemônica em que apenas uma perspectiva da história é narrada.

Nesse caminho de buscar ferramentas e estratégias para construção de conhecimentos baseados na diversidade, na inclusão, na justiça social, ambiental e climática, no antirracismo, na igualdade de gênero, no respeito à biodiversidade da natureza, reforçamos a importância de investigar outras visões de um mundo possível. Descobrir conhecimentos subjugados, histórias apagadas, biografias esquecidas, questionar quais histórias são narradas, quem está dentro e quem está fora destas narrativas, quais são as relações de dominação e poder envolvidas é uma tarefa constante.

Para tanto é preciso desaprender o racismo e o colonialismo, questionar as invisibilidades e evidenciar os diferentes protagonismos no contexto de uma sociedade de hegemonia branca, patriarcal e eurocêntrica, para que os seres subalternizados, empobrecidos e expropriados historicamente em nossa sociedade, deixem de ser objeto e passem a ser sujeito de suas próprias histórias e narrativas, construtores de conhecimento, enunciadores e comunicadores e não apenas consumidores de informação.

Esse contexto em que estamos inseridos evidencia a necessidade de entendermos o ato de educar como algo fundamentalmente político, sendo, nesse caso, um campo em disputa, que pode tanto reforçar o sistema de dominação e exploração ao qual somos sistematicamente

submetidos no mundo neoliberal e capitalista, ou atuar como ferramenta transformadora, libertadora, contra-hegemônica, antirracista, decolonial. Como nos diz Miguel Arroyo:

Se há muita vida lá fora, também há muita vida disputada nas salas de aula. Há muitas disputas lá dentro e muitas disputas fora sobre a função da escola e sobre o trabalho de seus profissionais. Sinal de que o território da escola ainda é importante para a sociedade e, sobretudo, para as crianças, os adolescentes, os jovens e adultos populares e para seus professores(as). A escola é disputada na correlação de forças sociais, políticas e culturais. Nós mesmos, como profissionais da escola, somos o foco de tensas disputas. (ARROYO, 2013)

Assim, o autor compreende que nossa atuação, as relações estabelecidas na sala de aula, os currículos, são todos aspectos que estão diretamente envolvidos com esse campo em disputa. Seguimos pensando novas possibilidades de organização, compreensão e prática em nossos espaços escolares.

Bell hooks em seu livro *Ensinando a transgredir* (2013), propõe que as salas de aula precisam ser lugares de entusiasmo, espaços de prazer, flexíveis, dinâmicos, onde as particularidades individuais e necessidades dos estudantes sejam levadas em consideração, onde uns se interessem pelos outros, escutem uns aos outros, valorizem a presença uns dos outros, de modo que seja criada uma “comunidade de aprendizagem”. Comunidades estas em que há o esforço coletivo, comunitário e compartilhado de aprender, e o educador é compreendido enquanto um “catalizador”, que instiga os participantes a se engajarem cada vez mais, sendo partes ativas do processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva educacional, os/as estudantes e educadores/as são enxergados como seres integrais, que reúnem corpo, mente, espírito, que carregam vidas e experiências complexas e diversas, e se encontram em um contexto específico, que deve ser levado em consideração. Se fazendo enquanto uma educação que enfatiza o bem-estar, aproxima relações entre o público e o privado, o pessoal e o coletivo. Devem assim ser trazidos para o contexto de aprendizagem também os ensinamentos referentes aos valores, hábitos e práticas de vida, no intuito de um melhor viver, da construção de autonomia, valorização da coletividade e responsabilidade social. O enfoque na construção de conhecimentos significativos, em que as experiências de vida estão diretamente entrelaçadas com o que se está aprendendo, permite que estudantes tenham sua voz e expressão valorizadas.

Esse sentimento de comunidade, de pertencimento, de compromisso compartilhado de construção de um bem comum, que reconhece a voz de cada um, traz consigo a importância do cuidado, da presença, do estar presente, da valorização do trabalho coletivo, da cooperação, da participação ativa de cada um/a. Nesse sentido, a escuta, o diálogo, a troca, a reciprocidade são

elementos de grande importância para um processo de ensino/aprendizagem efetivo, significativo, respeitoso, onde corpos, memórias, territórios são incluídos integralmente.

Cabe às práticas educativas e artísticas que procuramos desenvolver, oferecer ferramentas que contribuam para o fortalecimento e/ou construção de coletividades e pertencimentos, assim como abordar de forma criativa e expressiva as lutas, histórias, afetos, experiências, memórias das participantes.

4 OFICINA “PRÁTICAS ARTÍSTICAS ENTRE MULHERES: CRIANDO PERTENCIMENTOS”

A oficina “Práticas artísticas coletivas entre mulheres: Criando pertencimentos” foi realizada no dia 10/05 na Escola Parque da Natureza de Brazlândia, com docentes e funcionárias da instituição, durante uma manhã de Coordenação Pedagógica Coletiva. A proposta, anteriormente apresentada e aceita pela SEEDF, foi prontamente acolhida pela gestão escolar. Percebemos que na EPNBraz vem sendo desenvolvido, há um bom tempo, um importante trabalho de fortalecimento do vínculo entre as e os trabalhadores da escola com a Educação do Campo.

Conforme o Projeto Político Pedagógico da escola (2022), a EPNBraz, que se reconhece enquanto uma Escola do Campo, se propõe como uma escola inovadora não somente em seu formato pedagógico, mas também em relação aos seus princípios e propósitos, tendo em sua ênfase de atuação as áreas de Artes, Educação Física, Educação Ambiental e Educação Patrimonial. A escola se propõe enquanto ponto de apoio da Educação Integral de outras oito escolas, desenvolvendo suas atividades nas diferentes Estações Educativas: Jogos Cooperativos, Artes Visuais, Educação Musical, Brasilidades, Arena Circense, Teatro, Expressão Corporal e Alfabetização Ecológica.

Como objetivo geral, a proposta da oficina visou investigar juntamente ao corpo docente e funcionárias da EPNBraz, metodologias de criação artística desenvolvidas a partir das experiências de vida, afetos e desafios encontrados pelas participantes, contribuindo para o pertencimento das mesmas à rede de ensino ao qual pertencem. Entre os objetivos específicos ressaltamos a busca de construir espaços de acolhimento e afeto; criar artisticamente a partir das vivências e trajetórias trazidas pelas participantes; investigar corporalmente possibilidades expressivas; desenvolver a coletividade; possibilitar processos de formação continuada enriquecedores para profissionais da área da educação.

A proposta realizada se deu muito enquanto um momento de partilha, de escuta, de cuidado, de convivência, em que eu, mesmo sendo uma pessoa nova ali no cotidiano daquela escola, me senti muito acolhida por elas. Foi possível perceber na receptividade do grupo o quanto já havia ali um trabalho realizado de construção de coletividade, de entrosamento e cuidado entre as diferentes pessoas trabalhadoras da educação daquela escola, homens e mulheres. Pude perceber também como a valorização desses momentos coletivos vem sendo feita na escola, e como isso é importante para a disponibilidade e o desejo do grupo de

aproveitar esse tempo de forma proveitosa. É relevante destacar a importância que teve para a adesão e participação da proposta, ser apresentada pela supervisora pedagógica da escola e também coorientadora dessa pesquisa, Edinéia Alves Cruz, que intermediou esse contato.

O recorte de gênero priorizou o trabalho com as mulheres como público-alvo, buscando construir um espaço acolhedor e coletivo de criação e diálogo. De modo geral, as escolas são marcadamente construídas e formadas em seu cotidiano por mulheres, porém, não são muitos os espaços que temos para dialogarmos de forma atenta, generosa e cuidadosa com as questões que nos atravessam de modo bastante específico na sociedade, visibilizar e expressar coletivamente questões que são pessoais, mas também sociais e políticas, construindo novos imaginários, modos de nos relacionar e criar. A construção de espaços de acolhimento e confiança entre mulheres nos parece ser fundamental para lidarmos com as realidades que nos são próprias, singulares, mas muitas vezes também compartilhadas, colaborando com nossa compreensão e reinvenção do que é ser mulher em nosso contexto atual, social, cultural, político e geográfico.

A oficina foi realizada com um grupo de 14 mulheres, incluindo: pesquisadora, supervisora pedagógica, auxiliar administrativo, professoras, educadoras sociais voluntárias e funcionárias das equipes de conservação e limpeza e merendeiras. Iniciou com um relaxamento em que, deitadas, pudemos perceber nosso corpo, nossa respiração, dando sequência com uma automassagem realizada nos nossos pés, parte do corpo que nos sustenta, que nos conecta com o chão, com a terra. Para esse momento, entendido como um tempo de autocuidado, de despertar da corporeidade, de chegada e despertar da presença das participantes, utilizamos óleo essencial de lavanda, uma planta recorrentemente utilizada em momentos de relaxamento, alívio de tensões e ansiedade. Fizemos as atividades no espaço destinado à Arena Circense, uma área coberta, mas aberta nas laterais, utilizando tatames para o melhor conforto das participantes.

O despertar do corpo como um todo com ativação com as mãos, localizando tensões, seguido de aquecimento e alongamento com movimentos circulares partindo de pontos diferentes do corpo, da observação e caminhada pelo espaço, contribuiu para nos conectarmos e estabelecermos uma disposição para o jogo, para a troca, para criação de uma arena circular de diálogo. Nos apresentamos utilizando o exercício “Batizado Mineiro”, proposto por Augusto Boal (2000). Em nossa versão cada uma das integrantes falava seu nome realizando conjuntamente um movimento, todas repetiam, em uma segunda rodada devíamos tentar lembrar nome e movimento da pessoa que dessem um passo à frente.

Em uma próxima etapa, fizemos um círculo, de mãos dadas, em que a mão direita deveria estar voltada para baixo, a mão esquerda voltada para cima, de modo que ao nos darmos as mãos, estivéssemos sempre com uma mão em cima, e outra mão embaixo, como uma metáfora do diálogo, da troca, do dar e receber, da fala e da escuta. A partir daí realizamos o exercício “Círculo de nós”, também presente no arsenal do Teatro do Oprimido. Primeiramente decoramos quem está do nosso lado direito e quem está do nosso lado esquerdo, na sequência o grupo de pessoas se mistura caminhando pelo espaço, para mediante um sinal, dão as mãos novamente a quem estava do lado direito e quem estava do lado esquerdo a partir do lugar onde estão no momento, criando um grande nó entre as mãos, que deve ser desfeito, retornando ao círculo sem soltar as mãos. É muito interessante como essa prática envolve todo o grupo, cria um senso de comunidade, de resolução de um problema coletivo, engajando as diferentes pessoas em um mesmo objetivo, despertando uma solidariedade das diferentes partes.

Seguimos com a prática de Teatro Imagem, iniciando com duas pessoas se dando as mãos, criando uma imagem corporal estática. Após esse primeiro momento, uma das pessoas sai e outra entra criando uma nova composição com a pessoa que já estava em cena, e assim sucessivamente. Após esse momento de introdução à técnica, foram divididos dois grupos, e cada grupo criou uma imagem para a temática relacionada aos diferentes contextos e realidades das mulheres em nossa sociedade. Surgiram diferentes questões como maternidade, a mulher no trânsito, em seus autocuidados, no trabalho, nos estudos, no descanso, no lazer, no celular, nos diferentes períodos e ciclos da mulher, incluindo a gestação e nascimento da criança, sua infância, adolescência, período menstrual e sua vida adulta. Podemos ver abaixo as duas primeiras imagens corporais realizadas.



Figura 1 – Teatro Imagem 1



Figura 2 – Teatro Imagem 2

Foram então criadas novas imagens para a mesma temática, buscando nesse momento dar mais ênfase nas diferentes formas de relação entre as mulheres. Em uma das imagens elas construíram uma representação do fortalecimento e empoderamento entre mulheres e em outra trouxeram relações de cuidado, sororidade, amizade e acolhimento entre mulheres.



Figura 3 – Teatro Imagem 3



Figura 4 – Teatro Imagem 4

Em um próximo momento realizamos a proposta da Estética do Oprimido de “Declaração de Identidade”, em que cada uma escreveu três vezes falando sobre si, sobre quem é, olhando de diferentes maneiras para sua pluralidade, sobre diversos aspectos que nos compõem. Sonhos de ver um país melhor para o futuro das próximas gerações, com mais amor e paz, o desejo em ajudar o próximo, o amor às crianças, o amor materno enquanto mães, avós e enquanto filhas, o amor conjugal, aspectos religiosos, os gostos pessoais, as atividades que lhes são prazerosas, aspectos das personalidades, os valores, os desafios e aquilo que lhes incomoda, aspectos da ancestralidade, da origem do próprio nome, da origem territorial e social, de amizades, a relação com o próprio corpo, o desejo de autoconhecimento, o gosto pela liberdade do movimento, por cantar, dançar, ouvir música, rir, ver séries e filmes, cozinhar, gostos alimentícios, aspectos de si como profissional, do seu tempo de lazer e férias, o apreço pelos momentos com as colegas de trabalho, relações com elementos da natureza, com mulheres inspiradoras, percepções de como se enxergam e como são e desejam ser nos diferentes âmbitos de suas realidades foram os principais aspectos trazidos nas declarações.

A partir das Declarações de Identidade realizadas, escritas anonimamente em pedaços de papel, organizamos uma mandala com sementes, cascas e frutos secos do cerrado, e nos colocamos deitadas em círculo a ler e dialogar sobre os diferentes relatos que não estavam assinados. Criou-se um espaço de muita escuta, abertura e acolhimento aos relatos, certa curiosidade de quem seriam os relatos lidos, momentos de identificações com o que era lida, o que era feito com tranquilidade, alegria e sem nenhum constrangimento.



Figura 5 – Declaração de Identidade 1



Figura 6 – Declaração de Identidade 2



Figura 7 – Declaração de Identidade 3

Terminamos a prática em uma ciranda em que entoamos a música “Povoada” de Sued Nunes, que tem em seu refrão principal o trecho: “Povoada / Quem falou que eu ando só? / Tenho em mim mais de muitos / Sou uma mas não sou só”. Momento de celebração e encerramento da oficina, que contribuiu para nos olharmos e sentirmos a presença de cada uma das participantes, e de perceber como é importante sentirmos que não estamos sós na caminhada e na construção de novos caminhos.

Durante a oficina pudemos levantar algumas das questões que nortearam as práticas e reflexões realizadas na pesquisa, no intuito de contribuir para uma investigação coletiva sobre nossas individualidades e potências coletivas na criação e investigação dos nossos pertencimentos à realidade em que estamos envolvidas. Pudemos olhar para as bagagens que carregamos conosco, como nos enxergamos, a nós mesmas e umas às outras, quais são nossos desejos e inquietações, como nos conectamos com o território em que habitamos e atuamos e quais são os nossos pertencimentos.

Nas propostas das práticas educativas realizadas as diferentes experiências e vivências foram enxergadas como material de aprendizagem e criação. Na busca de construção de conhecimento de forma coletiva, as linguagens artísticas se mostram como um terreno fértil para expressão, transformação e autoconhecimento, e a corporeidade se fez presente de forma atrelada à escuta das nossas diferenças, singularidades e identificações.

Afeto, cuidado, pertencimento, memória, ancestralidade, solidariedade, empatia, autonomia, foram questões latentes nas propostas feitas durante a oficina. As relações entre corporeidade e território, incluindo corpo, terra, natureza, ancestralidade, desconstrução de opressões, fizeram parte das práticas que incluíram respiração, relaxamento, automassagem, jogos teatrais, Teatro Imagem, ciranda, escrita, ações individuais e coletivas propostas como matéria de sensibilização, instigação, reflexão e criação.

Entre as perguntas que norteiam nossa pesquisa, ressaltamos algumas: “Que lutas queremos semear?”, “Que vitórias gostaríamos de colher?”, “O que podemos fazer juntas para transformar nossa realidade?”. Reflexões que estão associadas à pensamentos que dialogam sobre a importância da defesa da terra, o poder das plantas, a relevância de não enxergarmos a natureza apenas como recurso a ser explorado, a potência dos mutirões, cooperações e coletividades no intuito de construir outras realidades, a força da aliança e do respeito entre diferentes espécies e seres, o valor das culturas plurais em detrimento das monoculturas, cercas e latifúndios.

Tais questionamentos e reflexões buscam enxergar a potência da criação de outras lógicas referentes aos habituais modos de ver, sentir, pensar, conhecer, habitar, relacionar, criar, amar. Essas compreensões levam em consideração o cuidado com o comum, com o estar e viver junto, a consciência da nossa interdependência, e de que o ser humano não está só, separado, fora e superior à natureza. Aqui encontramos ricas conexões entre arte e natureza em que se abrem muitas possibilidades de uma respeitosa e cuidadosa interação.

Faz parte da trajetória que buscamos caminhar, investigar como o mundo nos afeta, experimentar os elementos da natureza como aliados nos processos de criação, aprender com a diversidade da floresta, com a diferença entre um Jequitibá e um Eucalipto², nos inspirando nas formas, cores e movimentos das plantas, enxergando a beleza da biodiversidade, fundando mundos poéticos em que a natureza é mestra e os saberes ancestrais têm muito a nos ensinar. Nesse percurso os corpos são compreendidos como seres vivos em constante movimento e interação com humanos e não-humanos, e nós estamos descentralizados do nosso lugar privilegiado enquanto espécie.

² Referência ao texto “Sobre Jequitibás e Eucaliptos” de Rubem Alves.

As práticas realizadas na e com a natureza, em conexão com a terra, com os conhecimentos vivos, orgânicos, em que são criados espaços de confiança, participação, interação, integração, pertencimento, corresponsabilidade, empatia, cooperação, apontam para novas construções de sentidos e integram uma mudança de paradigma, que vai daquele referente à conquista e dominação para o paradigma do cuidado (BOFF, 2000). Na luta em defesa dos territórios, dos corpos e contra todo sistema de opressão, são respeitados e aprendemos com os ciclos da natureza, da sementeira e da colheita, valorizando o cuidado como uma característica essencial que nos diferencia da barbárie.

Na oficina “Práticas artísticas coletivas entre mulheres: Criando pertencimentos”, a partir do material trazido, compartilhado e produzido pelo grupo, foi possível perceber alguns desafios e potencialidades surgidas no encontro. Um ponto facilitador do processo foi a existência prévia de um sentimento de comunidade, cooperação e solidariedade entre as mulheres participantes. Assim, notamos que a contribuição externa, possibilitada pelo desenvolvimento da oficina e pelo acolhimento da pesquisadora ao grupo, propiciou o fortalecimento dos bons vínculos existentes e das reflexões feitas pelo grupo.

Partir das vivências trazidas pelas participantes, experimentar corporalmente e criativamente possibilidades expressivas em cooperação e coletividade pareceu um caminho bastante rico em processos de formação continuada para profissionais da área da educação, em especial da Educação do Campo, trazendo elementos importantes na busca de entendermos nosso lugar e as possíveis formas de pertencimento e enraizamento dentro desse território.

5 CONCLUSÃO

A escola EPNBraz mostrou que já coloca em prática uma educação dialógica, que busca estar integrada em seu território, desenvolvendo práticas de educação ambiental, patrimonial e ecológicas conectadas com as corporeidades dos/das integrantes de todo processo educacional e com as diferentes linguagens artísticas. Poder fazer essa intervenção dentro de um processo já existente de formação continuada realizado na escola, facilitou muito que o encontro tenha sido proveitoso, prazeroso e frutífero mesmo com as limitações de tempo apresentadas. Encontrar uma coletividade disposta e aberta, que já tem uma relação de pertencimento e um senso de cuidado e comunidade, alimentou muito a certeza de que esses espaços são possíveis de serem construídos dentro do espaço escolar.

No contato com o grupo e no desenvolvimento das práticas realizadas na oficina foi possível perceber a sintonia entre as propostas, compreensões de mundo e educação que nortearam essa investigação, com o trabalho já desenvolvido na escola. Os objetivos traçados de um modo geral são apontamentos a serem desenvolvidos em processos contínuos e permanentes dentro dos espaços escolares da Educação do Campo. Apesar da minha presença representar uma vivência pontual, foi possível conferir que práticas artísticas podem oferecer importantes contribuições para o desenvolvimento de pertencimento.

Foi possível escutar pela fala das mulheres que participaram da oficina, pela presença e participação delas, que foi um momento prazeroso e lúdico, que possibilitou reforçar o sentido de união entre elas e a importância de terem o apoio umas das outras no cotidiano escolar e na vida de um modo geral. Poder participar de um ambiente de trabalho em que se sente acolhida e pertencente é um elemento de grande importância para o desenvolvimento de um cotidiano escolar estimulante e motivador. É importante ainda ressaltar o compromisso e disponibilidade de todas elas que participaram da oficina mesmo durante a greve de professores, por acreditarem na validade e potência do trabalho e da temática.

O desejo e a percepção da importância de dar continuidade ao processo, de desenvolvimento de uma construção e aproximação com a escola, o território, as mulheres participantes e a comunidade de um modo mais prolongado, se viu até o momento impossibilitado pelos prazos e distâncias geográficas encontradas, mas ainda há a vontade de seguir o contato e a troca com o grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGUIAR, Janicleide Moura De. O MST no Front Digital: a mística como prática performativa e forma insurgente de luta política. *Revista Brasileira De Estudos Da Presença*, 2022, 01–28.
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Editora Cortez, 1980.
- ARROYO, Miguel. *Currículo, território em disputa*. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- BOAL, Augusto. *Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond/Funarte, 2009.
- _____. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BARON, Dan. *Alfabetização Cultural: a luta íntima por uma nova humanidade*. São Paulo: Alfarrabio, 2004.
- BOAL, Augusto. *Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond/Funarte, 2009.
- BOFF Leonardo. *Princípio de compaixão e cuidado*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação – Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Brasília, DF, 2002.
- CABALLERO, Ileana Diéguez. *Cenários liminares: teatralidades, performances e política*. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CALDART, Roseli Salette. *Sem terra com poesia: a arte de recriar história*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- CALDART, Roseli Salette (org.) *et al.* *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- COLETIVO NACIONAL DE CULTURA – BRIGADA NACIONAL DE TEATRO PATATIVA DO ASSARÉ (org.). *Teatro e transformação social*. São Paulo: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, 2007.
- EVARISTO, Conceição. Nos gritos d’Oxum quero entrelaçar minha escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima et al. (Org.). *Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos*. Florianópolis: Mulheres, 2014, p. 25-33.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LATOURE, Bruno. *Onde aterrar? – Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Tradução Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar Tempo, 2020.
- LOTUFO, Júlia Junior. *Pedagogias Decoloniais em Performance*. O Mosaico: Revista de Pesquisa em Artes, v. 20, p. 166-183, 2021.
- MARTINS, Leda Maria. *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MENDES, João. (2020). O “Antropoceno” por Paul Crutzen & Eugene Stoermer. *Anthropocena. Revista De Estudos Do Antropoceno E Ecocrítica*, v. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.21814/anthropocena.3095>>. Acesso em 24/04/2023.

MESQUITA, André. *Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva*. 1 ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2011.

SILVA, Maria do Socorro. *Nas trilhas da memória da materialização da escola no campo brasileiro: da Educação Rural à Escola do Campo*. [s.d.]

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

ROSA, Simone Menezes; VILLAS BÔAS, Rafael. A práxis na Escola Parque da Natureza de Brazlândia: Utopias, trajetórias e impermanências. *Revista Com Censo*, v. 6, p. 20-30, 2019.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; CANOVA, Felipe. Quando Camponeses Entram em Cena: trabalho teatral do MST e a interface com a linguagem audiovisual. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 9, n. 4, p. 1-29, 2019.